

**Língua e Literatura**, (16), 1987/1988, pp. 43-52.

***BORGES E DRUMMOND EM SEITA BLASFEMA:  
A BIBLIOTECA E A TORRE\****

Maria do Carmo Campos

Figuração às avessas de uma escada, a Biblioteca “febril”, tudo afirma, nega e confunde, “como uma divindade que delira”.

“Desvario laborioso e empobrecedor o de compor vastos livros (...). Melhor procedimento é simular que estes livros já existem e apresentar um resumo, um comentário.” Este dizer de Borges no Prólogo de “Ficções”<sup>1</sup> instaura o leitor em território movediço, altamente perturbador das certezas culturais e dos modos de conhecimento. Se em Fernando Pessoa “o poeta é um fingidor”, Borges pela “simulação” faz estremecer a noção de ficção e chama atenção para outras possibilidades, além (ao lado) do verdadeiro e do falso representados.

(\*) Trabalho apresentado no IIº Encontro Nacional de ANPOLL, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1987.

(1) BORGES, J.L. *Ficções*. Porto Alegre, Globo, 1970. (*Ficciones*, Buenos Aires, EMECÊ, 1944).

“Não sou o primeiro autor da narrativa “A Biblioteca de Babel”; os curiosos de sua história e de sua pré-história podem examinar certa página do número 59 de SUR, que registra os nomes heterogêneos Leucipo e de Lasswitz, de Lewis Carroll, de Aristóteles”<sup>2</sup> É a criação posta a nu, incomodada pela presença de outros textos e autores, reais ou possíveis, subvertendo a noção de texto literário original, originário ou inaudito, mantida ao longo dos tempos pela tradição.

O tema da Biblioteca reitera-se em Borges, autorizando a leitura da sua obra como um espelhamento infinito de textos, passados, presentes e vindouros, com as assíduas e detalhadas citações que acentuam, paradoxalmente, a condição de ausência, extravio, a citação como apelo a um outro, que está ausente. É como se Borges, ao desenhar o infindável movimento de escrita-leitura, revelasse na outra face da página a morte, condição de perda desses mesmos escritos.

“Devo à conjunção de um espelho e de uma enciclopédia o descobrimento de Uqbar”<sup>3</sup>. No universo borgiano, a Biblioteca e os livros simulam também um anúncio de inutilidade, na forma de cicatriz, como se neles não houvesse sentido ou resposta, ou como se fossem, na verdade, indecifráveis. “Aquela noite, visitamos a Biblioteca Nacional. Em vão, molestamos atlas, catálogos, armários de sociedades geográficas, memórias de viajantes e historiadores: ninguém estivera jamais em Uqbar”<sup>4</sup>. “Em vão desarrumamos as bibliotecas das Américas e da Europa”<sup>5</sup>. “(Sei de uma região agreste cujos bibliotecários repudiam o costume supersticioso e vão de procurar sentido nos livros e o equiparam ao de procurá-lo nos sonhos ou nas linhas caóticas da mão...)”<sup>6</sup>. “Naquele tempo falou-se muito das Vindicações: livros de apologia e de profecia, que vindicavam para sempre os atos de cada homem do universo e guardavam arcanos prodigiosos para o futuro. Milhares de cobiçosos abandonaram o doce hexágono natal e precipitaram-se escadas acima, movidos pelo oco propósito de encontrar sua Vindicação.”<sup>7</sup>

(2) BORGES, J.L. Idem. Prólogo, p. XIII.

(3) BORGES, J.L. Tlon, Uqbar, Orbis Tertius. *Ficções*, p. 1.

(4) BORGES, J.L. Idem, p. 4.

(5) BORGES, J.L. Idem, p. 6.

(6) BORGES, J.L. A Biblioteca de Babel. *Ficções*. p. 64.

(7) BORGES, J.L. Idem, p. 65-6.

Em “Os Teólogos”, também insinua-se o caráter misterioso e indecifrável dos livros, “violentados” historicamente pelos intuitos mais ou menos ferozes de compreensão: “Arrasado o jardim, profanados os cálices e os altares, os hunos entraram a cavalo na biblioteca monástica e rasgaram os livros incompreensíveis e os injuriaram e queimaram, talvez com medo de que as letras encobrissem blasfêmias contra seu deus, que era uma cimitarra de ferro”<sup>8</sup>.

“By this art you may contemplate the variation of the 23 letters...”

Entro em Babel pelas letras de Borges. O lugar-universo é imenso e vazio, despovoado em amplos compartimentos preestabelecidos. Galerias hexagonais, poços de ventilação, varandas, estantes e prateleiras, sanitários e escadas espirais – voltados para um espelho, a “ilusória” duplicação. Tais imagens suportam um espaço oco e abrem estranhamente lugar para a força do infinito: nos labirintos da espiral e do espelho elide-se o tempo linear, o da História: “por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva para o longe” A hierarquia é desenhada em abolição, a forma do hexágono fazendo repensar as noções de superioridade e inferioridade<sup>9</sup>. Desfazem-se também as idéias de totalidade e precisão, contornos dos discursos da exatidão: “todos os lados menos dois” ou “sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal”<sup>10</sup>

Intento a viagem pelo caminho medievo (ou atemporal) da demanda do objeto sagrado e sondo o desejo da busca: “Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca

(8) BORGES, J.L. Os Teólogos. *O Aleph*. 6.ed. Rio de Janeiro, Globo, 1986. (*El Aleph*, Buenos Aires, Emecê, 1949).

(9) A subversão proposta pela figura do hexágono, sem base “fixa”, aparece em outros textos: “Nos livros herméticos está escrito que o que existe embaixo é igual ao que existe em cima, e o que existe em cima, igual ao que existe embaixo; no Zohar, que o mundo inferior é reflexo do superior”. (Os Teólogos. *O Aleph*. p. 29).

(10) BORGES, J.L. A Biblioteca de Babel. p. 61.

de um livro, talvez o catálogo dos catálogos”<sup>11</sup> O objeto sagrado desliza do catálogo dos catálogos para a Vindicação de cada um, para os livros do Hexágono Carmesim, ou para “um livro que seja a cifra e o compêndio perfeito de todos os demais”<sup>12</sup>

“Faz já quatro séculos que os homens molestem os hexágonos...” entre o axioma da eternidade da Biblioteca e a limitada numeração dos símbolos ortográficos. E o leitor procura um equilíbrio inexistente, talvez “*o costume supersticioso e vão de procurar sentido nos livros*”, até envolver-se na circularidade, “uma câmara circular com um grande livro circular de lombada contínua, que segue toda volta das paredes (...). Este livro cíclico é Deus”<sup>13</sup> Na esfera, reintegra-se o tempo, e a morte se dá a poucas léguas do nascimento.

Propícias ao vácuo, as galerias hexagonais dinamizam a queda, falam de um tempo precipitado, vertigem ou infinito: “A Biblioteca existe *ab aeterno*. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar”<sup>14</sup>. “Ubíquo e perdurável sistema de galerias hexagonais”, a Biblioteca eterna e total registraria tudo o que é dado expressar em todos os idiomas, numa combinatoria ilimitada dos limitados símbolos ortográficos.

Os mistérios básicos da humanidade, perseguidos há séculos, são metaforizados no conto pela origem da Biblioteca e do tempo. A escrita de Borges rompe o tempo seqüencial e a ordem lógica, contratual. Quebram-se esperanças racionais junto com as noções do mundo representado, e o hexágono instala-se para além dos quadrados lógicos e das binárias percepções<sup>15</sup>.

De certo modo, a forma da Biblioteca é imperceptível ou insuportável às nossas matrizes de repesenação: “A Biblioteca é uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, cuja circunferência é inacessível” ou “Os idealistas argüem que as salas hexagonais são uma forma necessária do espaço absoluto, ou pelo menos, de nossa intuição do espaço”<sup>16</sup>

(11) Idem, p. 62.

(12) Idem, p. 67.

(13) BORGES, J.L. A Biblioteca de Babel. *Ficções*. p. 62.

(14) Idem, p. 63.

(15) O hexágono – forma símbolo da Biblioteca-universo – submetido a um movimento de alta velocidade no giro sobre si mesmo estaria rapidamente transformado em esfera, forma esclarecedora do infinito: é a passagem do tempo evolutivo, linear, para a imagem possível das “ruínas circulares”

(16) BORGES, J.L. A Biblioteca de Babel. *Ficções*, p. 64.

O conto abala as trilhas da representação e os parâmetros do mundo representado, apoiando-se por vezes no “falso” para melhor sublinhar o verdadeiro: “Admitem que os inventores da escrita imitaram os 25 símbolos naturais, mas sustentam que essa aplicação é casual, e que os livros em si nada significam. Esse ditame, já veremos, não é completamente falso”<sup>17</sup> “... pessoas do futuro, talvez não imaginárias”<sup>18</sup>. “Invadiam os hexágonos, exibiam credenciais nem sempre falsas...”<sup>19</sup>

O chão da Biblioteca seria o *falso*, na medida em que as suas significações são tecidas a considerável distância dos pilares da chamada “verossimilhança” e dos pontos de vista do senso comum. Por entre espelhos e hexágonos, o leitor arrisca-se a falsear o pé, mergulhando em areia movediça, bilhete possível para viajar no universo de Borges. Eliminar referências ordinárias de espaço e tempo é condição para afirmar a existência do indecifrável na Biblioteca: criptografias, Vindicações, idiomas inauditos, tomos enigmáticos, labirintos de letras, léguas de cacofonias insensatas, arcanos prodigiosos – sujeitos por vezes à visita necessária e ameaçadora dos investigadores oficiais, os “inquisidores” possuídos por um visível “furor higiênico, ascético”

Talvez só a aceitação do risco, a condição de ser tragado, permitam a visão e o convívio com os personagens que povoam o conto: os homens, os homens da Biblioteca, todos os homens, o bibliotecário, o viajante, os idealistas, os místicos, as autoridades, os demiurgos malévolos, os ímpios, um eterno viajor, esses romeiros, homens de regiões longínquas, milhares de cobiçosos, os deuses ignorados, meu pai, o Homem do Livro, tu que me lês... A impossibilidade de “representar” a totalidade de tais protagonistas dentro dos eixos espaço-temporais previsíveis projeta o leitor em movimento sinuoso, escorregadio, indeciso: é o contato do pé (ou do corpo) com a areia movediça, espaço híbrido, hesitante entre líquido e sólido, terra e água a dançar entre o verdadeiro e o falso, misterioso como os labirintos da Biblioteca. Só a oscilação permite romper as barras do tempo e respirar o mundo representado que circula no intervalo de tais letras e páginas.

Na outra margem, todas as sufocações impostas pelas formas ORDENADAS de conhecer e representar o universo, espécies de

(17) Idem, p. 66.

(18) Idem, p. 67.

(19) Idem, p. 67.

violentações cósmicas ou “furores”, como designa Borges: o *furor higiênico, ascético* <sup>20</sup>, responsável pela perda insensata de milhares de livros, e o *furor simétrico*, correspondente ao intuito classificatório que preside à organização do conhecimento <sup>21</sup>. Essa impossibilidade tradicional de conviver com o “caos” (Cosmos?) é geradora de formas de saber impositivas e ordenadoras, bem como de signos lingüísticos univalentes e empobrecidos. Em Borges, porém, a Biblioteca pode ser tanto “ubíquo e perdurável sistema de galerias hexagonais” quanto “pão ou pirâmide ou qualquer outra coisa”, aberta a significações possíveis desenhadas pela face escorregadia da linguagem.

Referindo-se à escrita de Borges, Michel Foucault fala de um “outro pensamento” que faz vacilar “nossa prática milenar do Mesmo e do Outro”, perturbando nossa idade e nossa geografia <sup>22</sup>. A série abecedária, tradicional recurso ordenador, pode aparecer como espaço impossível: reunião de acasos, enumerações absurdas, aproximação tranqüila de coisas sem nenhuma relação. Para Foucault, o que Borges faz é arruinar o lugar do encontro, subtrair o solo estável da representação, retirar a tábua de trabalho, estabelecer uma desordem na dimensão do *heteróclito* <sup>23</sup>. Interroga sobre o riso ou mal-estar que atinge aos leitores de Borges, passando as noções de *atopia*, “perda do comum do lugar e do nome”, e *analogia*, o limiar da diferença e da similitude. Discute a relação entre as coisas e a *ordem*, refazendo percursos da linguagem e buscando *modalidades dessa ordem*, suportes do conhecimento, a priori histórico da Racionalidade. As teorias da representação e da linguagem – coerentes entre si na Idade Clássica – estariam, segundo Foucault, alteradas na Modernidade: “No século XIX, desaparecem os fundamentos das teorias da representação, e a linguagem enfraquece-se como “suplemento entre a representação e os seres”

(20) BORGES, J.L. A Biblioteca de Babel. *Ficções*. p. 67.

(21) “Quain arrependeu-se da ordem ternária e predisse que os homens que o imitassem optariam pela binária... e os demiurgos e os deuses pela infinita: infinitas histórias, infinitamente ramificadas.” (BORGES, J.L. Exame da Obra de Herbert Quain. *Ficções*. p. 58).

(22) FOUCAULT, Michel. Prefácio de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985. (*Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris, Gallimard, 1966).

(23) Que se desvia dos princípios da analogia gramatical ou das normas de arte; singular, excêntrico, extravagante. (cf. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*).

Se o giro das coisas sobre si próprias pode abalar os fios da representação, Borges concretiza ensaios no verdadeiro e no falso, revelando os limites dos métodos unívocos e dos modos binários de percepção. Encenando a perspectiva de que a história da ORDEM tem sido – na constituição do saber – a história do Mesmo, Borges pulveriza métodos e letras convencionais, num percurso solar, desinibidor do imaginário, instaurador do Outro: aquilo que, no dizer de Foucault, está relacionado à história da Loucura, aquilo que é ao mesmo tempo interior e estranho.

Nessa ótica, o acaso será sempre transgressor, blasfemo, tão sacrílego quanto a recepção da arte da fotografia tal como a descreve Walter Benjamin. <sup>24</sup>

\*  
\*   \*  
\*

O poema A TORRE SEM DEGRAUS de Carlos Drummond de Andrade <sup>25</sup> perpassa um imaginário análogo, ao realizar uma enorme e ventilada *metáfora do acaso*. Construindo os andares infundáveis dessa torre desprovida de degraus, alude à construção possível de um real em ruptura, sem pontos de referência ou apoio. A solidez da pedra é iluminada por imensos vazios lógicos e estruturais, na desierarquização grave e poética de uma escada que paulatinamente se constrói e se desmonta. A construção se desenvolve na medida em que se acrescentam ao poema novos *versos-andares*, desde o térreo “onde se arrastam possuidores de coisas recoisificadas” até o 42º onde “goteiras formam um lago onde bóiam ninféias, e ninfetas executam bailados quentes” A mesma Torre se desconstrói, desmontada talvez pela impossibilidade de repre-

(24) “... a invenção diabólica de além-reno. Querer fixar efêmeras imagens de espelho não é somente uma impossibilidade como a ciência alemã o provou irrefutavelmente, mas um projeto sacrílego. O homem foi feito à semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano.” (BENJAMIN, Walker. Pequena história da fotografia. *Obras escolhidas*; Magia e técnica, arte e política. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987).

(25) DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. In *A Falta que ama*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968. *Nova Reunião I*. 2.ed. Rio, José Olympio, 1985. p. 432.

sentação do leitor em relação aos dados que o poema avoluma e sustenta no caos.

Daí recorrer a Foucault que ilumina as imposições de uma ORDEM nos nossos modos de saber, ou a Roland Barthes que mostra uma DOXA a permear a linguagem, a cultura e as mais diferentes relações <sup>26</sup> Como Borges n'A BIBLIOTECA, Drummond transgride tais ordens e desloca categorias estabilizadas, estabilizadoras do conhecimento e da representação. O *verdadeiro* e o *falso*, alicerces da noção literária de "ficção", as *relações de inclusão* que apóiam os procedimentos classificatórios e as noções de *superioridade e inferioridade* aqui também são submetidas a fortes estremecimentos.

O espaço da Torre é falseado por seus vazios – os degraus inexistentes – ausência paradoxal, mas indispensável à existência do poema. Se os hexágonos da biblioteca eram "ventilados", o insólito representado serve de intervalo à Torre de Drummond: da mesquinha das pequenas convicções que habita o 1º andar ao homem que pede inutilmente para ser crucificado no 33º, da noite que cria morcegos no 3º andar às 255 cartas registradas abandonadas "que selam o mistério da expedição dizimada por índios Anfika" no 8º, do aquário de peixes fosforescentes que – no 12º – ilumina do teto a poltrona de um cego de nascença ao 19º onde "profetas do Antigo Testamento conferem profecias no computador analógico", violentando o Tempo e utilizando a exatidão e a técnica para testemunhar (in)certas predições.

No 5º andar, "alguém semeou de pregos dentes cacos de espelho a pista encerada para o baile das debutantes de 1848" É a instalação no poema de um tempo migrante, o presente projetando um futuro de baile cortado, pontiagudo, em lugar violentado e violento. O tempo visado e preparado é futuro, contraditório passado (1848) em relação ao suporte cronológico: o calendário previsto da escritura e o da imprevisível leitura. São os auspícios da morte a desnortear os ensaios de previsão e de festa.

No 20º andar, a palavra aleatória, o deslizamento das letras, a transformação, o vazio, o NON-SENS: "Cacex, Otan, Emfa, Joc Juc Fronap F81 Usaid Cafesp Alalc Eximbank trocam de letras, viram

(26) BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix (*Leçon*. Paris, Seuil, 1978).



Afp Jjs IxxUe que sei mais”<sup>27</sup> No 23º habitam os ritos de celebração, metaforizando toda a sorte de apologias, premiações e recompensas (“biografia e auréola”) pela passividade. No 26º “nossas sombras despregadas dos corpos passeiam devagar cumprimentando-se” e amplia-se a visibilidade do leitor no sentido das cisões de cada um, da alteridade que nos cerca, a face desconhecida de cada sujeito.

Literatura fantástica? ou blasfêmia nos modos de representação, ruptura do conhecimento ordenado? Os habitantes desses infundáveis andares podem ser desde insetos, profetas, mosquitos, agricultores, filósofos, banqueiros, magistrados, nervosos, peixes, morcegos, anjos, reis ou fiscais do Imposto da Consciência – numa aleatória (heteróclita) superposição. Pela assustadora e crescente acumulação, niveladora de coisas e pessoas, o espaço representado sugere o *urbano contemporâneo*, e ao mesmo tempo significa-se como *eterno, extratemporal ou atópico*, pela alusão a fatos, personagens e objetos remotos, distanciados<sup>28</sup>. A imagem da Torre, por sua vez, pode ser associada tanto aos atualíssimos blocos de concreto (edifícios, “espigões”), quanto a um imaginário feudal, medieval, ou a um cenário familiar aos contos de fadas.

Assíduo visitante dessa torre, o desejo assume formas várias desde o desejo de matar e morrer (“Um homem pede para ser crucificado e não lhe prestam atenção”, “o voluntário degolado de todas as guerras em perspectiva, disposto a matar e a morrer em cinco continentes”) até o desejo de que a *ordem social* seja a qualquer preço conservada: “no 6º, ruma-se política na certeza-esperança de que a ordem precisa mudar deve mudar há de mudar, contanto que não se mova um alfinete para isso” Na construção dos vazios há também um andar suprimido (o 18º), um inabitável (o 29º destinado exclusivamente ao prazer) e um superlotado, onde os moradores só podem usar um olho, uma perna, meias palavras, o 30º.

(27) “By this art you may contemplate the variation of the 23 letters...” “Tudo isso, repito-o, é verdade, mas quatrocentas e dez páginas de inalteráveis M C V não podem corresponder a nenhum idioma, por dialetal ou rudimentar que seja. Uns insinuaram que cada letra podia influir na subsequente e que o valor de MCV na terceira linha da página 71 não era o que pode ter a mesma série noutra posição de outra página, mas essa tese vaga não medrou.” (BORGES, J.L. *A Biblioteca de Babel*. p. 61 e 64).

(28) Índios Anfika, Guerra dos 100 anos, cintos de castidae, um meirinho surdo, anjos da luz e das trevas, etc.

A literatura e a leitura também habitam essa construção, na dimensão de canto do cisne, despedida, anúncio de inutilidade, aviso da morte: “o último leitor de Dante, o último de Cervantes, o último de Musil, o último do Diário Oficial dizem adeus à palavra impressa”

“No 38º, o parlamento sem voz, admitido por todos os regimes, exercita-se na mímica de orações. No 39º, a celebração ecumênica dos anjos da treva e dos anjos da treva, sob a presidência de um meirinho surdo. No 40º, só há uma porta uma porta uma porta que se abre para o 41º, deixando passar esqueletos algemados e conduzidos por Fiscais do Imposto da Consciência. No 42º, goteiras formam um lago onde bóiam ninféias, e ninfetas executam bailados quentes. No 43, no 44º, no ... (continua indefinidamente).”

São as dissonâncias da modernidade a conviver na intimidade de um real em ruptura. Drummond, no poema, estrutura o “acaso” de forma poética e necessária, apontando algo como a percepção fragmentada do sujeito contemporâneo e a visão (visões) resultantes dessa percepção.

Os labirintos extratemporais da Biblioteca de Borges tornam-se aqui imagens possíveis de um espaço urbano atual, caotizado pela multiplicidade: coisas, pessoas, informações, pontos de vista, discursos. Ao poeta, a travessia desse real e a quebra das noções de hierarquia, num poema que foto-grafa um espaço “não representável”

É possível construir sem previsibilidade? Drummond transgride os caminhos da racionalidade: a Torre estabelece-se por andares versados ao acaso, cujos elos de sustentação (alicerces ou eixos lógicos) são invisíveis, desconhecidos, ausentes. Como Borges, afronta os modos mais estáveis de construir o pensamento, a representação, o poema.

Nesses escritos, Borges e Drummond irmanam-se numa “seita blasfema” Sublinhando o espaço e o tempo dilacerados, iluminam os limites dos métodos de conhecimento, as impossíveis classificações. Percorrem os atalhos da representação e ampliam consideravelmente o horizonte do literário. “Os metafísicos de Tlön não buscam a verdade nem sequer a verossimilhança: buscam o assombro. Julgam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica. Sabem que um sistema não é outra coisa que a subordinação de todos os aspectos do universo a qualquer um deles.”<sup>29</sup>

(29) BORGES, J.L. Tlön, Uqbar, Orbis Tertius, *Ficções*. p. 9.